

NARRATIVAS ORAIS INDÍGENAS COMO FERRAMENTA DE RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL EM SALA DE AULA

Katrine dos Santos Dutra¹

Dilce Pio Nascimento²

Resumo: O referido trabalho tem como objetivo estudar as narrativas orais como ferramenta para o resgate cultural de estudantes indígenas na cidade de Parintins. A cultura indígena tem fortes influências em nosso país, principalmente em nossa região amazônica, onde as narrativas fazem parte da sua identidade cultural. A grande diversidade em sala de aula não pode ser ignorada, entre ela a indígena, que é de suma importância para a nosso país, do contrário pode ocorrer a discriminação e a exclusão desses alunos no espaço escolar. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais com a temática da Pluralidade Cultural vêm examinar contribuição para a construção da cidadania na sociedade pluriétnica e pluricultural. A metodologia dessa pesquisa é de cunho bibliográfico, pesquisa de campo e pesquisa-ação por meio de roda de diálogo através da aplicação de oficinas envolvendo a oralidade, a escrita e o teatro em uma escola da rede pública do município de Parintins/Amazonas, com a finalidade de socializar os saberes através da inclusão do outro formando um pensamento crítico literário e diversificado. Como embasamento teórico desta pesquisa tem-se: Paul Zumthor (1997) Janice Thiél (2012) Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) entre outros.

Palavras-Chave: Oralidade, Narrativas Indígenas, Identidade Cultural.

Abstract: This article aims to study oral narratives as a tool for the cultural rescue of indigenous students in the city of Parintins. The culture has strong influences in our country, especially in our Amazon region, where narratives part of their cultural identity. The great diversity in the classroom can not be ignored, between the indigenous, which is of great importance for our country, otherwise there may be discrimination and the exclusion of these students in the school space. According to the Parameters National Curriculares with the theme of Cultural Plurality come to examine contribution to the construction of citizenship in multi-ethnic and multicultural society. The methodology of this research is bibliographical, field research and action research by means of a dialogue through the application of workshops involving orality, writing and theater in a public school in the municipality of Parintins / AM, with the purpose of socializing the knowledge through the inclusion of the other forming critical and diverse literary thinking. As a theoretical basis of this research we have: Paul Zumthor (1997) Janice Thiél (2012) National Curricular Parameters (1997) among others.

Keywords: Orality, Indigenous Narratives, Cultural Identity.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu através das experiências com as histórias de vida de indígenas que haviam deixado seu lugar de origem, mas tem a contação de histórias como uma ferramenta de manutenção da cultura. Desse modo, o hábito da contação de história

¹ Acadêmica do 8º período de Letras-Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas-UEA-CESP. Katrinedutra@gmail.com

² Professora de Literatura no Curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas-UEA-CESP. Dilcepio12@gmail.com

continua entre os mais velhos de maneira muito significativa. Por meio das narrativas orais contadas sobre seu lugar, as origens dos diversos elementos da natureza, caracterização de pessoas, animais, seus costumes, cultivo da mandioca, os mitos e lendas que foram saberes aprendidos por meio de seus ancestrais também de forma oral, assim relembando suas origens e a identidade cultural de sua etnia Sateré-Mawé.

Nesse viés, a necessidade de entender e conhecer os estudantes indígenas da etnia Sateré-Mawé que adentram o ambiente escolar de acordo com suas dificuldades é de suma importância, pois levamos em consideração sua cultura, com o objetivo de analisar a diversidade cultural existente na sala de aula, que por vezes o professor tem dificuldades de lidar. Portanto, existe uma necessidade de incluir as manifestações indígena nas escolas para que se cumpra a lei 11.645 promulgada em 2008 que obriga as escolas públicas e particulares a trabalharem o conhecimento e a valorização cultural dos povos indígenas e africanos, abordando a temática em questão nas disciplinas do currículo da educação básica de ensino, ou seja, o aluno estando no Ensino Fundamental ou Médio.

Estes indivíduos estão inseridos na mesma sociedade em que vivemos, porém sofrem pela não valorização de sua cultura, afetando-lhes de forma significativa no momento em que adentram o ambiente escolar e se deparam com o novo e o desconhecido. A valorização e o respeito da cultura indígena não devem partir somente de estudantes pertencentes a determinadas etnias, conteúdos relacionados as minorias devem ser estudados, debatidos e compreendidos em sala de aula, como uma tentativa de aproximação e interação dos povos, enriquecendo o ensino e aprendizagem.

Dito isso, o objetivo dessa pesquisa é mostrar para os alunos através das narrativas orais, a importância desses saberes para o reconhecimento de uma cultura que muito contribuiu para a formação cultural brasileira, resgatando a identidade cultural em sala de aula. Pensando nisso, realizamos oficinas em uma escola pública no município de Parintins com o intuito de mostrar aos alunos indígenas e não indígenas o quanto essas narrativas têm a contribuir, seja com o respeito à diversidade, seja em questões de reconhecimento. O referido trabalho está dividido em cinco partes. Em primeiro lugar faremos uma breve abordagem sobre a oralidade, sua importância para o desenvolvimento da pesquisa. Em seguida, enfatiza-se a o processo de escrita, que também foi importante, haja vista que os alunos escreveram o texto que foi encenado. Paralelamente a isso, discute-se o processo de teatralização dessas narrativas indígenas. Em sequência é

apresentado os métodos e os objetivos da oficina realizada em uma escola pública com alunos do 9º Ano. Por fim, apresenta-se os resultados obtidos na oficina, com a produção o registro da encenação da peça e descrições de como ocorreu a oficina.

1. A ORALIDADE

A oralidade sempre esteve presente na história da humanidade como afirma Zumthor (1997), é estranho que entre as várias disciplinas já existentes não haja nenhuma ciência da voz como seu objeto de estudo. As narrativas orais são muito utilizadas pelos povos originários para transmissão de saberes. Assim, é inegável que essa riqueza cultural que são as narrativas orais possa auxiliar o professor para fazer relações com os saberes e o conhecimento científico. Diante dos números de alunos indígenas que vem aumentando e suas dificuldades de ensino/aprendizagem principalmente com os livros didáticos se faz necessário a utilização dessas narrativas a favor de um bom desenvolvimento escolar e valorização da cultura. Nesse caso, as narrativas indígenas, adaptadas ou coletadas por pesquisadores devem ser utilizadas pelo professor já que como afirma Thiél (2012) a educação para a cidadania, para o respeito à diversidade e para o desenvolvimento do pensamento crítico é necessária a todos. A leitura e a discussão de obras da literatura indígena contribuem para a reflexão sobre essas questões.

Em nosso país a cultura indígena tem forte influência, principalmente em nossa região, onde as narrativas fazem parte da sua identidade cultural. Segundo Zumthor (1997) é inútil julgarmos a oralidade de forma negativa mesmo ela possuindo contraste com a escrita, por que a oralidade não é um sinônimo de analfabetismo, pelo contrário podemos usá-la para que ela tenha uma função respeitável no ambiente escolar. Por que a literatura brasileira é constituída por muitas literaturas por inúmeras culturas e vozes, tais como as indígenas.

As narrativas orais são primordiais, elas se misturam com gestos e expressões uma vez que estas se baseiam em contar algo para alguém sem escrever, contar através da fala, interação entre pessoas que se reservem em grupos para esta ação. Zumthor (1997) afirma que nós não podemos negar a importância da tradição oral, ela desempenha funções importantes há muito tempo na história da humanidade, desde a civilização arcaica até nos dias atuais muitas tradições e culturas das margens ainda existem graças as tradições orais. Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que as narrativas orais é um instrumento para a valorização da cultura indígena, como afirma Janice Thiél:

A literatura brasileira é constituída por muitas literaturas, por inúmeras cultura e vozes. Estas merecem ser inserida nos estudos promovidos na escola como forma de conhecimento e inclusão do outro, pratica de multiletramento (especialmente letramento literário, informacional e crítico) e de leitura de multimodalidades textuais (THIÉL, 2012, p.12).

Devemos inserir a cultura indígena nos métodos de ensino e aprendizagem aprimorando leituras, escritas, senso crítico e reflexivo dos alunos, fazendo com que eles aprendam um com o outro. Assim, acreditamos que a:

(...) leitura é uma das formas mais comum de aprendizagem, desse modo, o contato das crianças e dos jovens com os textos da literatura indígena é uma forma de autoconhecimento e de saber conviver com a diversidade cultural. Os temas apresentados pelas obras da literatura indígena amazonense são diversos como, por exemplo, a preservação da floresta, direitos, lutas indígenas, pluralidade cultural, ética, etc. A escola como incentivadora do hábito pela leitura muitas vezes só apresenta aos alunos literaturas canonizadas. Assim, eles desconhecem as narrativas indígenas e jugam seu valor literário menor por essa literatura não ser anteriormente cobrada nos currículos escolares (SANTOS, 2016, p.34).

Em sala de aula não podemos ignorar as diversidades, é essencial combater a exclusão e a discriminação. Para Lévi-Strauss (1996) a diversidade das culturas é um ato no presente, que veio direto do passado, muito maior e mais rica que tudo o que estamos destinados a conhecer, ou seja, a diversidade sempre nos proporcionará o novo, e os povos indígenas podem contribuir no anseio de um mundo melhor, na perspectiva que a educação é um caminho para a construção das relações interculturais fundamentada no diálogo entre as culturas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, com a temática da Pluralidade Cultural vem examinar contribuição para a construção da cidadania na sociedade pluriétnica e pluricultural. Sua utilização na escola denota a inclusão também do outro, por meio dela o aluno não indígena fará uma reflexão sobre sua cultura.

Para os alunos, o tema da Pluralidade Cultural oferece oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiro e como participante de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais (BRASIL, 1997, p.39).

Nesse sentido, corroboramos com o pensamento de que ler textos indígenas exige abertura para outras tradições literárias, construídas em multimodalidades discursivas que solicitam do leitor a percepção de elementos provenientes de visões complexas de mundo e da arte de narrar histórias (THIÉL, 2012). Mesmo havendo essa necessidade, o que se percebe, no entanto, é que os estudos da literatura muitas vezes se pautam em estudos de

literaturas europeias que fazem parte de um cânone que não abre espaços para a escrita dos povos indígenas amazônicos e de outras regiões (SANTOS, 2016).

Quando se obtém novos conhecimentos formamos um pensamento crítico literário diversificado, melhorando também a comunicação em relação a fala, como assegura Bakhtin (1990), a língua é um fato social, sendo que sua existência se funda nas necessidades de comunicação, o uso da linguagem em qualquer contexto social se dá através da interação verbal entre os sujeitos.

Todo ser humano tem necessidade de se comunicar, quando um indivíduo melhora sua forma de comunicação começa a ter facilidade na interação. O momento da oficina possibilitou que os alunos fizessem comentários a respeito de seus conhecimentos sobre a cultura indígena, contaram lendas e mitos que conheciam, segundo eles, essas histórias foram contadas de forma oral por pessoas mais velhas, como, por exemplo, seus avós. Parintins é uma cidade que ainda preserva os saberes primevos, o festival mesmo que de forma exagerada contribui para a disseminação de lendas e mitos.

O momento de exposição oral propiciado pela oficina foi bastante significativo, de acordo com a afirmação de Goody (2012) a situação de um público sentado em círculo, ouvindo em silêncio qualquer fala muito longa, parece uma ocorrência muito rara. Uma oportunidade de interação significativa, por que a troca de pensamentos é uma exposição de sentidos entre os envolvidos, enquanto tem um falante o outro está ouvindo, ressaltando que a interação no âmbito escolar é um instrumento de suma importância.

A relação dialógica, comunicação e intercomunicação entre os sujeitos é fundamental a qualquer prática educativa. É no respeito as diferenças entre os seres na coerência entre o que se faz que devemos nos encontrar com o outro (SANTOS, 2005, pg.16).

Diante a essa afirmação, podemos dizer que, no diálogo, além da troca de saberes também ocorre um confronto de ideias. Falar de mitos, lendas indígenas é importante na escola. Os alunos além de conteúdos científicos precisam conhecer a riqueza cultural do seu estado e de seu município. Principalmente, os indígenas precisam perceber que sua cultura é rica, para não mascarar-la e não envergonhar-se.

2. A ESCRITA

Além da oralidade, a escrita também é de grande relevância para a referida pesquisa, uma vez que os alunos produziram uma releitura das narrativas indígenas. Como afirma Sena (2011), ninguém nasce com o dom de saber escrever, os textos

possuem uma estrutura e essa deve ser colocada em prática para obter sucesso. O ato de escrever vem garantir um registro da oralidade, ajudando os alunos no seu ensino/aprendizagem, no qual eles buscaram utilizar palavras apropriadas para seus textos por meio da organização de seus pensamentos, grafando corretamente segundo a convenção da escrita da Língua Portuguesa.

A escrita evidentemente é também espacial, mas de uma outra maneira. Seu espaço é a superfície de um texto: geometria sem espessura, dimensão pura, enquanto a repetitividade indefinida da mensagem, em sua identidade intangível, lhe dá a garantia de vencer o tempo (ZUMTHOR, 1997, pg.42).

Diante a essa afirmação podemos dizer que por muito tempo a oralidade e gestos eram os principais meios para a comunicação entre os indivíduos, uma forma de manter seus costumes repassando. De forma oral ensinavam as técnicas, de caça, culinárias, remédios e outras ações importantes para suas sobrevivências, repassavam de geração a geração. Com o surgimento da escrita, os seres humanos tiveram a possibilidade de registrar seus pensamentos, de tal forma que esses pensamentos expandissem além de seu próprio tempo.

A escrita é uma função culturalmente mediada, a criança que se desenvolve numa cultura letrada está exposta aos diferentes usos da linguagem escrita e a seu formato, tendo diferentes concepções a respeito desse objeto cultural ao longo de seu desenvolvimento (OLIVEIRA, 2010, p.70).

Partindo desse pressuposto, a escrita tem contribuições positivas para compreensão de mundo e valorização da cultura do outro, influenciando desde a infância do ser humano. Ressaltamos que o ato de escrever vai além da vida escolar, Ao abrangermos ato da leitura e escrita, a oralidade torna-se um artifício indispensável para a elaboração da escrita em sala de aula, incentivando os alunos a ouvirem e interpretarem.

Segundo Goody (2012) a literatura oral era a forma (ou) gênero padrão encontrada nas sociedades sem a escrita, mas podemos unir essas duas ferramentas para despertar nos alunos o desejo de aprender sobre os diversos tipos de sociedades, não apenas do passado, incluindo também as sociedades atuais diferentes da nossa e estão próximas a nos, porém, é algo desconhecido. Lembrado que a oralidade é o termo usado como uma forma de explicar a tradição que são opostas em relação as civilizações letradas. Mas a escrita nos possibilita ir além, as narrativas fazem parte da vida e do agir humano de forma involuntária a usamos no nosso dia a dia.

Assim como as narrativas, a escrita deve se tornar algo natural aos nossos alunos, para que sua prática se torne constante e eles encontrem facilidade em desenvolvê-la. Podemos considerar a escrita é como um domínio de técnicas, pois de acordo com Mello (2006) a escrita precisa ser apresentada para um indivíduo como um instrumento cultural, que desempenha uma importante função social, ou seja, a escrita desempenha um papel muito mais intenso do que podemos pensar, é um caminho para a cultura, o saber científico etc.

Zumthor (1997), afirma ainda que uma tradição escrita pode ser inteiramente levada a uma tradição oral simultânea ou anterior, em virtude de verossimilhanças derivadas da história literária e, como tal, hipotéticas. Portanto, a fala não pode ser isolada da escrita pois elas sustentam uma relação recíproca. Thiél (2012) assegura que a literatura indígena pode ser o alimento que vem fornecer novas dimensões de conhecimentos. E diríamos também nos favorece um reconhecimento de si e do mundo que nos cerca, uma maneira de transmitir e adquirir conhecimentos.

3. DA ORALIDADE AO TEATRO: DEBATENDO CONCEITOS, CONSTRUINDO IDEIAS

Um dos objetivos da nossa oficina era também demonstrar a importância do teatro e suas possibilidades na sala de aula. Para chegarmos a montar uma peça de teatro com os alunos, se fazia necessário uma primeira aproximação. Foi a partir disso que surgiu a ideia de começarmos as atividades com uma roda de conversa imitando o terreiro de uma aldeia, em que a voz de um e o silêncio da plateia se fazem presentes.

Após a roda de diálogo com contação de história e o momento reflexivo sobre identidade cultural, os educandos escreveram narrativas, assim exercitando seus conhecimentos sobre a linguagem formal que solicita a escrita. As transcrições das narrativas foram no gênero teatral para as dramatizações, apresentadas no encerramento da oficina.

O teatro pode servir como uma ferramenta pedagógica que desenvolve a oralidade, as expressões, concentração, gestos e todos os movimentos corporais “a arte tem sido proposta como um instrumento fundamental de educação, ocupando historicamente papéis diversos desde Platão” (PCNs, 1993, pg.83). Antes de tudo, o teatro é uma arte, tornando-se uma ferramenta importante durante o ensino, pois a arte teatral está ligada diretamente a cultura, a história e a comunicação humana.

A experiência do teatro na escola amplia a capacidade de dialogar, a negociação, a tolerância, a convivência com a ambiguidade. No processo de construção dessa linguagem, o jovem estabelece com os seus pares um relação de trabalho combinando sua imaginação criadora com a prática e a consciência na observação de regra. O teatro como diálogo entre o palco e plateia pode se tornar um dos parâmetros de orientação educacional nas aulas de teatro, para tanto, devesse integrar-se aos objetivos, conteúdos, métodos e avaliação da área (BRASIL, 2009, pg.88).

Levar a prática teatral para o âmbito escolar não é somente divisão e tarefas e representação de personagem, esta prática requer técnicas. Melhorando também a comunicação, pois existe um público que precisa entender o que está sendo representando, uma espécie de interação comunicativa dos interlocutores. O educando exercita sua imaginação ao fazer as performances.

A apresentação da peça escrita por eles representou um momento que proporcionou uma oportunidade de afetividade, criatividade, coordenação, memorização. Segundo Cavassin (2008) o teatro é uma porta para novos horizontes, pois envolve essencialmente o que o soberaníssimo da lógica e do modelo racional exclua que era o lógico das possibilidades, a intuição, a criatividade e outros aspectos positivos. No âmbito escolar o teatro amplia os horizontes culturais, passando conhecimento histórico científico ou morais.

(...) a cultura e a sociedade estão em interdependência generativa e, nessa interdependência, não devemos esquecer das interações entre os indivíduos, que são, eles mesmo, portadores/transmissores de cultura; essas interações regeneram a sociedade que, por vez, regeneram a cultura (MORIN, 1995, p.72).

Por isso, o teatro colabora para que os indivíduos possam se relacionar melhor com o outro, construindo e descobrindo seu espaço, tornando-se mais participativo. Por meio dele é possível formar cidadãos que valorizem suas diferenças sociais e aprendam a lidar com elas, aproveitando todo o espaço que a escola oferece com influência mútua de ideias e experiências, não é um trabalho individual e sim coletivo, o indivíduo acaba criando uma maneira de comportamento social e educacional.

Buscar a plena formação do aluno para participar do convívio social da maneira crítica, a partir de competências e habilidades que estruturam trabalho com a linguagem, pois, sendo esta uma herança social, reprodutora de sentidos e possibilitadora a de interação entre os sujeitos através do discurso constitui-se numa das principais práticas sociais. (PCNs, 1999, pg.).

Nesse sentido, o teatro pode ainda representa uma forma de percebermos a personalidade dos alunos e como eles se comportam individualmente ou em grupo. A partir dessa observação é possível perceber também suas habilidades, o uso da linguagem, a interação e como recepcionam as diversas culturas, visto que em sala de aula existe uma diversidade. O teatro é uma ferramenta de grande potencial educacional, porem pouco utilizada e estudada, ele influencia na formação comportamental e autoconhecimento. Essa ferramenta somou positivamente nessa pesquisa, tendo em vista que primeiramente os alunos precisam conhecer a si próprio em seguida conhecer o outro para aprender com ele e respeita-lo.

4. A OFICINA

A oficina segue com estratégias que levem os educandos a se confrontar diante de suas analogias culturais, a chave para esta temática se dá por meio da oralidade. Incentivando os envolvidos a apresentarem suas experiências e conhecimentos sobre a diversidade, pois a linguagem oral possibilita o debate, exposições de pensamentos e defesa de argumentos. Como instrumento metodológico utilizamos a pesquisa-ação, para o enriquecimento de saberes onde ocorre a execução de projetos que visam a transformação por meio de suas próprias praticas:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativos e participativos. (THIOLLENT,1985, pg.14)

Incluso à pesquisa-ação utilizamos também o método de observação que segundo Flick (2009, pg.204) “as observações envolvem praticamente todos os sentidos – visão, audição, percepção e olfato”. Assim observamos a turma traçando um caminho iniciado por meio da oralidade, moldando-se em escrita e por fim e transformando em teatro, usando esses sentidos e gerando melhoria ao ensino-aprendizagem, abrindo seus olhares sobre o respeito e valorização das diversas culturas.

No primeiro encontro realizado na turma do 9º ano do ensino fundamental matutino de uma escola da rede pública de Parintins, participaram aproximadamente 25 alunos. A maioria dos educandos eram não indígenas que sempre moraram na cidade. Todas as informações que estes alunos sabiam sobre a cultura indígena se resumia em mitos e lendas abordadas pelo festival, culinária ou algo mais que pesquisam na internet

ou assistem pela *tv*, ou seja, é uma realidade tão próxima deles, mas ao mesmo tempo distante. Havia na escola selecionada cinco alunos indígenas nessa sala, somente dois se identificava como indígenas.

Começamos esse momento com questionamentos. O primeiro deles foi se havia algum aluno indígena na sala. A resposta de uns e o silêncio de outros confirmaram que não. Mas sabíamos que tinha, porque fomos informados antes pelo o professor que acompanhava conosco a atividade. O primeiro assunto levantado por nós foi o conceito de oralidade. Falamos da importância para a manutenção das tradições indígenas. Todos aparentemente estavam entendendo a importância da temática.

Continuamos os questionamentos, perguntamos se eles conheciam alguma narrativa contada por alguém sobre as lendas e mitos amazônicos. Um aluno que ouvia curioso respondeu: “História de visagem professora?”, respondemos que sim, as famosas histórias de visagens contadas por muitos na Amazônia. Após a pergunta do aluno e a nossa resposta, quase todos os alunos afirmaram saber de alguma história. Uma jovem indígena se destacou em dizer que conhecia a história do Boto. Os alunos pediram para que ela contasse. Foi tudo muito descontraído. Todos sentados em forma de círculo, a aluna começou a contar, parecia outra pessoa, que estava contando. O professor que estava presente ficou admirado em ver a aluna que pouco participava das aulas tão entusiasmada em querer participar.

A partir de nossa conversa com eles, acreditamos em termos conseguido repassar a importância desses saberes. Outro caso que nos chamou atenção que merece ser destacado foi o que ocorreu ao final da conversa. Um aluno pediu pra falar, ele queria responder a primeira pergunta feita por nós no início da conversa. Na fala do aluno, ele dizia que não era indígena, mas sua mãe era. Segundo ele, sua mãe o trouxe para estudar na cidade e por isso não se considerava índio. Depreende-se que o aluno só acredita ser índio quem ainda mora nas comunidades tradicionais. Talvez essa negação por parte do aluno, tenha raízes nos preconceitos contra esses povos que a sociedade ainda alimenta. Diante disso, foi preciso intervir, e justificar que não se deixa de ser índio pelo fato de se viver na cidade. Que a indianidade é algo que precisa ser vivida e defendida por quem é descendente dos povos originários.

Após a roda de conversa perguntamos se sabiam alguma história indígenas, se soubesse alguma deveriam contá-la. Todos sabiam de uma ou mais, contaram as lendas

do Guaraná, do Boto, da origem da Mandioca, Matinta Pereira, Mapinguar entre outras. Marcamos para o próximo encontro as transcrições das narrativas.

Ao seguimento da oficina realizamos o segundo encontro, o qual relembramos os debates, reflexões e as narrativas indígenas contados de maneira oral. A turma foi dividida em cinco grupos, com cinco componentes, cada grupo escolheria apenas uma narrativa. Esse momento foi muito significativo, além de promover a interação, possibilitou também que um aprendesse com o outro. Na aula anterior cada aluno contou a história que sabia, e escutava uma nova história contada pelo colega, ou seja, uma troca de saberes.

Após a escolha de uma narrativa solicitamos que eles transcrevessem as narrativas para uma adaptação ao teatro. Nessa perspectiva, Marcuschi (2002,pg.23) assinala que “o estudo da oralidade pode mostrar que a fala mantém com a escrita relações mútuas e diferenciadas, influenciando uma a outra nas diversas fases da escrita”, portanto, as duas modalidades são essências para o ensino da língua portuguesa, nesse caso a oralidade se transformou em escrita.

Esse encontro dedicado apenas à escrita, visto que a ela é uma forma de expressão e de atuar no mundo, nos faz traçar relações entre o que já foi dito ou visto. Através da escrita podemos ver e ler conhecer outro mundo longe de nosso convívio. De acordo com Koch (2009) “sempre dependera de um leitor para que haja interação entre o texto e leitor”, ou seja, haverá um leitor para a escrita, mas para que este leitor compreenda o texto ele precisa ser bem escrito, assim ocorra a compreensão e logo haverá interação de ambos por meio dessa compreensão do leitor.

No terceiro encontro, os grupos entregaram as narrativas indígenas adaptadas para o gênero teatral. Um integrante de cada grupo leu a narrativa para a turma. Após a leitura, apenas uma, das cinco narrativas deveria ser escolhida para começarem o ensaio da dramatização. Como havia afirmado anteriormente, a escolha foi exclusivamente deles, não interferimos em momento algum os próprios alunos escolheram a história da origem do Guaraná. Nesse mesmo encontro começaram os ensaios da dramatização, instigando nos educandos o envolvimento entre eles, para a conscientização da integração no seu âmbito escolar. Desenvolvendo suas capacidades de aceitação das decisões efetuadas no coletivo.

Na quarta aula, levamos a eles conceitos de corpo e voz ressaltando suas funções no teatro. Somente cinco alunos (um de cada grupo) participaram da dramatização, nos exercícios de voz e dos movimentos do corpo todos participaram. Mais uma vez o

professor da turma ficou surpreso com o envolvimento e entusiasmo de todos. Os PCNs (1997), destacam a importância da interação face a face, afirmando que a escola tem um papel importante ao que se refere a compreensão e execução de discursos, principalmente os que terão um público mais formal, como: debates, seminários e o teatro. Nos ensaios todos procuraram ajudar os colegas que iriam atuar, através de dicas e diálogos todos se aproximaram, acreditando que a cultura indígena deve ser respeitada até mesmo durante uma atuação, levando as crenças e costume do povo Sateré-Mawé, visto que escolheram a história da origem do guaraná.

O quinto encontro iniciou com a apresentação da dramatização da História do Guaraná que durou entre oito a dez minutos. Enquanto eles estavam apresentando percebemos que usaram as dicas recebidas, o conhecimento repassado e estavam apresentando com muito entusiasmo e respeito a essa história . Os colegas telespectadores fizeram comentários ao final da apresentação sobre a oficina, como ela mudou seus olhares para a cultura indígenas. Um aluno que no primeiro encontro não se pronunciou quando perguntamos se havia indígenas na sala se reconhecer como indígena comentando a importância da mandioca os povos e suas várias utilidades. Não foi necessário solicitarmos um momento de reflexão após a dramatização, os próprios alunos tiveram essa iniciativa.

5. RESULTADOS OBTIDOS

Com as atividades propostas por essa pesquisa, acreditamos em uma conscientização e valorização da cultura indígena. Os alunos se aprimoraram na exposição oral, promovendo melhoria nas suas atividades de socialização. Tiveram a oportunidade de integração, trabalharam suas agilidades, concentração, criatividade e percepção, respeitando os prazos estabelecidos.

No final, um espaço foi aberto para socializarem o que eles haviam assimilado até então, os resultados foram satisfatórios, pois todos os alunos envolvidos na oficina compreenderam objetivo do trabalho e se envolveram com muito entusiasmo diante desse método. Acreditamos, que quando se trabalha de maneira humanizada direcionada as metodologias para as diferenças de cada indivíduo como suas atitudes, cultura, valores, experiências de vida, expectativas os resultados serão sempre positivos.

Enfim, esta oficina pretendeu cooperar para a construção de ações coletivas em prol a valorização da cultura indígena, visando a melhoria, pois a educação é capaz de transformar de forma individual e coletivamente refletindo no crescimento pessoal, social e humano. O objetivo não se resume apenas em avaliar a escrita ou o talento do educando na apresentação teatral, mas também sua integração, consciência e respeito a cultura indígena por meio da oralidade. Mostrando para os alunos através das narrativas orais, a importância desses saberes para o reconhecimento de uma cultura que muito contribuiu para a formação cultural brasileira, resgatando a identidade cultural em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da oficina o presente artigo vem evidenciar a importância das narrativas orais indígenas para a sala de aula e para a sociedade como um todo. Com a concretização da pesquisa subsídios foram criados para uma nova perspectiva sobre a educação do aluno indígena e não indígena, visando valorizar a identidade cultural de cada indivíduo durante o processo de ensino/aprendizagem. Tornando importante e prazeroso o ambiente escolar, pois nesse ambiente pode ser construído instrumentos para a sua sustentação de valores, não somente um aprendizado técnico e repetitivo longe de sua realidade. Buscamos contribuir através da troca de experiências com os professores e alunos, levando em consideração que a oralidade, a escrita e o teatro pode somar positivamente no ensino-aprendizagem.

Portanto, as narrativas indígenas não são importantes apenas como entretenimento, mas nos faz abrir os olhos para a emergência de ser trabalhada as temáticas que abordam sobre a cultura dos povos indígenas e africanos como cumprimentos a Lei 11.645/2008 e também os PCNs. Com a utilização de metodologia eficazes dando ênfase para a oralidade, visto que ela é uma ferramenta indispensável para o conhecimento e valorização da cultura indígena pode demonstrar a riqueza da oralidade. Este trabalho traz possibilidades de trabalho com as narrativas orais indígenas e a necessidade de constituir representações dos indígenas para o acréscimo de saberes dos educandos, proporcionando interação com pessoas não indígenas. Temos que despertar uma consciência a respeito das diferenças existentes, valorização das diversas culturas e saberes que os nativos amazonenses nos fornecem, com o intuito de reconhecer as suas organizações sociais, seus saberes e tradições e seu processo de transmissão cultural. Como uma ferramenta para resgatar e valorizar cada vez mais a identidade cultural dos

alunos indígenas, inserido a arte, não pode ser realizado apenas uma vez, mas que seja realizado com frequência práticas como esta. Com implementação de novas ideias e práticas com diferentes olhares, mostrando resistência.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **O discurso no romance**. Trd. Aurora F. Bernardini. São Paulo: Hucitec. 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade cultural**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1999.

_____. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm> Acesso em 10/08/2016.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Artes (Ensino Médio)**. Brasília; MEC/SEF, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOODY, Jack. **O mito, o ritual e o oral**. Trad. Joscelyne. Petrópolis: Vera Vozes, 2012

GRAÚNA, Graça. **Literatura no Brasil Contemporâneo e outras questões em aberto**, **Revista Educação e Linguagem**. Num. 25. 266-276, 2012.

KOCH, Ingrid Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. Trad. Inácio Canelas. Lisboa: Presença, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”**. In: DIONISIO, Ângela Paiva; Maria Auxiliadora (org.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, pg 21-34.

MORIN, Edgar. **Cultura e conhecimento**. In: **O olhar do observador. Contribuições para uma teoria do conhecimento**. Campinas. Editorial Pysll. 1995.

OLIVERIRA, Marta Konl de. **A evolução da escrita na criança**. In: Vygotsky L.: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2010.

THIÉL, Janice. **A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. Educação & Realidade**. Porto Alegre: Autentica Editora 2012.

_____. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985, pg 14.

SANTOS, Francisco Bezerra dos. **Literatura indígena amazonense: cultura e conhecimento na sala de aula**. Monografia (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2016.

SANTOS, Maria Sirley dos. **Pedagogia da Diversidade**. São Paulo: Mennon, 2005.

SENA, Odenildo. **Engenharia do Texto: um caminho rumo à prática da boa redação**. Manaus: Valer, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

ZUMTHOR, Paulo. **Introdução á poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ANEXO

Lendo do Mandioca

Com alegria contagiante, Mami era uma indiazinha muito estimada pelo tribu tupi onde vivia. Ela era neta do cacique e a gravidez da sua mãe foi motivo de bruxaria para o chefe do tribu isso porque ela tinha engravidado e não era casada com um bruxo, tal como ele desejava.

O cacique obrigou a filha a dizer quem era o pai do seu filho mas a índia dizia que não sabia como tinha ficado grávida.

Até que ~~um~~ um dia, ele teve um sonho que o aconselhou a acreditar na filha, pois ela contara a pura e dita verdade ao pai. Desde então, ocultou a gravidez e ficou muito contenta com a chegada do seu neto.

Um dia, pela manhã, Mami foi encontrada morta por sua mãe. Ela simplesmente tinha morrido durante o sono e mesmo sem vida, apresentou um semblante sorridente.

Triste com a perda, sua mãe enterrou Mami dentro do seu seio e suas lágrimas umedeceram o terra tal como se estivesse regada. Por depois, nesse mesmo local nasceu uma planta, diferente de todas as que conhecia, a qual ela passou a cuidar, percebendo que a terra estava ficando rachada, correu na esperança de que pudesse desenterrar sua filha com vida.

No entanto encontrou uma raiz, a mandioca, que recebeu esse nome em homenagem da junção do nome de Mami e do paludo do.

Grupo 12

Reza a lenda que o bato cor-de-rosa animal inteligente e semelhante ao galinho, se transforma num jacurê belo e elegante nos meses de lua cheia, normalmente aparece em festas de junho em nos comemorações de santos populares.

Vem vestido de branco e com um grande chapéu afim de esconder seus narizes, pois sua transformação não ocorre totalmente.

Como de um estilo galego e conquistador, o bato escolhe a meca solteira mais bonita da festa e a leva para o fundo do rio. Lá a engracida e depois a abandona.

Na manhã seguinte ele se transforma em bato novamente por esse motivo, a lenda do bato é utilizado muitas vezes para justificar uma periodicidade fora do casamento.

A lenda do Mapinguari

As pessoas contam que dentro da floresta vive o mapinguari, um gigante peludo com um olho na testa e a boca no umbigo.

O mapinguari grita igual as caçadores, se alguém responder, ele logo vai até onde está a pessoa e mata ela. É difícil alguém sobreviver quando é atacado por ele, os caçadores que sobrevivem muitas vezes ficam aleijados ou com terríveis marcas no corpo para o resto da vida.



A lenda do Guarani

Um casal de índios da Tribo Maúia, vivia junto por muitos anos sem ter filhos, mas desejam ser pais. Por isso pediram a Tupã que atendeu o desejo trazendo a eles um lindo menino.

O tempo passou rapidamente e o menino cresceu bonito, generoso e bom. O deus da escuridão, Jurupari, sentiu inveja do menino e decidiu matar o garotinho.

Um dia, o menino foi colher frutos na floresta e Jurupari se aproveitou da ocasião para lançar sua vingança. Ele se tornou em uma serpente venenosa e mordeu o menino, mantendo instantaneamente.

A mãe, que chorava em desespero, entendeu que Tupã queria que ela plantasse os olhos da criança e que deles uma nova planta cresceria dando saborosos frutos.

Os índios obteceram os pedidos da mãe e plantaram os olhos do menino. Neste lugar cresceu o guarani, cujas sementes são negras, cada uma com arilo em seu redor, imitando olhos humanos.

Grupo 3